

Realismo em Portugal: Antero de Quental e Eça de Queirós

Teoria

Introdução e traços estéticos do Realismo

O movimento literário intitulado Realismo (também intitulado “Geração de 70” ou “Geração de Coimbra”) deu início, em Portugal, a partir de 1865, em meio ao contexto de conflitos entre liberais e monárquicos. Esteticamente, o conceito de tal escola literária fundamenta-se na reação oposta aos exageros e à subjetividade do Romantismo, que era a expressão literária vigente até o momento.

O marco inicial do movimento se dá com a **Questão Coimbrã** (1865), tensão no meio literário entre aqueles que defendiam um maior progressismo e os mais conservadores. De um lado, um grupo de literatos como Antero de Quental (um dos grandes nomes da poética realista portuguesa) buscava uma literatura que representasse a realidade social e a verdade sobre o indivíduo; por outro lado, o escritor romântico Feliciano de Castilho negava tal movimento, buscando manter o tradicionalismo da estética anterior.

A partir disso, houve a **Conferência do Casino Lisbonense** (1871), um manifesto a favor da transformação social de Portugal, considerado um país preso em ideias retrógradas, sobre a necessidade de se atualizar e passar a ter um maior desenvolvimento cultural. Dentre os autores que assinaram, temos Antero de Quental e Eça de Queirós, nomes que serão aqui contextualizados.

No que consiste a elementos estéticos do Realismo, nota-se: maior **objetividade e racionalidade** em relação à abordagem dos temas, estudos **analíticos e científicos sobre a sociedade, denúncias sociais**, temas que causavam **choque** e **escândalo** à população da época (como o adultério, por exemplo) e **influências positivistas, socialistas, evolucionistas e deterministas** nos textos. Antes de conferir especificamente os dois autores portugueses, veja, a seguir, eventos históricos deste período conturbado em Portugal.

Contexto histórico

- Regeneração (1851 – 1910)
 - Surgimento da Monarquia Parlamentar
- Aumento da produção agrícola (em desacordo com a industrialização inglesa, então o produto agrícola passa a ser manufaturado)
- Dependência da Inglaterra, por parte de Portugal
- Industrialização tardia
- Surgimento de uma classe média urbana
- Ultimato Inglês (1890): neocolonialismo
- Início da reflexão sobre a Proclamação da República em Portugal

Poesia realista de Antero de Quental

Antero de Quental (1842-1891) era poeta e filósofo, além de ser um dos pioneiros em relação ao Realismo em Portugal. Foi considerado um líder intelectual do Realismo em Portugal.

Dentre os traços gerais acerca da sua poesia realista, temos:

- A influência do cotidiano
- Elementos metafísicos
- Semelhanças parnasianas (especialmente no que se refere à forma)
- Vocabulário mais rico

A sua obra mais marcante em relação ao Realismo é “Odes Modernas” (1865), trazendo temáticas mais críticas. No entanto, sua produção poética apresenta diferentes fases. Além da mencionada anteriormente, há um momento em que o poeta sofreu influências românticas e, ao final da vida, após adoecer, vítima da tuberculose, traz temáticas voltadas à desilusão da vida.

Eça de Queirós (1845 – 1900)

O autor Eça de Queirós recebe destaque em relação à prosa realista portuguesa. Além de romancista, ele exerceu a função de advogado e diplomata. Das suas publicações mais famosas, destaca-se “O Crime do Padre Amaro” (1875), no qual o autor inaugura sua produção realista, e “O Primo Basílio” (1878) que desconstrói inteiramente o imaginário romântico, trazendo como temática o adultério.

O romancista possui três fases: amadurecimento, Realismo ortodoxo e do abandono da ironia.

Textos de apoio

Texto I

Trecho de “Bom-senso e bom gosto”:

Exmo. sr.

Acabo de ler um escrito[1] de v. ex.^a onde, a propósito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se fala com áspera censura da chamada escola literária de Coimbra, e entre dois nomes ilustres[2] se cita o meu, quase desconhecido e sobre tudo desambicioso.

Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobre maneira diminuta: em quanto que, por outro lado, a minha despreocupação de fama literária, os meus hábitos de espírito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indiferente, que é como que se a nada a reduzíssemos.

Estas circunstâncias pareceriam suficiente para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho para falar dois fortes motivos. Um é a liberdade absoluta que a minha posição independentíssima de homem sem pretensões literárias me dá para julgar desassombradamente, com justiça, com frieza, com boa-fé. Como não pretendo lugar algum, mesmo ínfimo, na brilhante falange das reputações contemporâneas, é por isso que, estando de fora, posso como ninguém avaliar a figura, a destreza e o garbo ainda dos mais luzidos chefes do glorioso esquadrão. Posso também falar livremente. E não é esta uma pequena superioridade neste tempo de conveniências, de precauções, de reticências — ou, digamos a cousa pelo seu nome, de hipocrisia e falsidade. Livre das vaidades, das ambições, das misérias duma posição, que não pretendo, posso falar nas misérias, nas ambições, nas vaidades desse mundo tão estranho para mim, atravessando por meio delas e saindo puro, limpo e inocente.

A este primeiro motivo, que é um direito, uma faculdade só, acresce um outro, e mais grave e mais obrigatório, porque é um dever, uma necessidade moral. É esta força desconhecida que nos leva muitas vezes, ainda contra a vontade, ainda contra o gosto, ainda contra o interesse, a erguer a voz pelo que julgamos a verdade, a erguer a mão pelo que acreditamos a justiça. É ela que me manda falar. Não que a justiça e a verdade se ofendessem com v. ex.^a ou com as suas apreciações. Verdade e justiça estão tão altas, que não têm olhos com que vejam as pequenas cousas e os pequenos homens das ínfimas questiúnculas literárias dum ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal.

Não é isso o que as ofende. Mas as ideias que estão por de trás dos homens; o mal profundo que as cousas apenas miseráveis representam; uma grande doença moral acusada por uma pequenez intelectual; as desgraças, tanto para reflexões lamentosas, desta terra, reveladas pelas misérias, tão merecedoras de desprezo, dos que cuidam dominá-la; isso é que aflige excessivamente a razão e o sentimento, o que prende o olhar ainda o mais desdenhoso a estas baças intrigas; isso é que levanta esta questão do raso das personalidades para a elevar até à altura duma questão de princípios, e que dá às ridículas chufas, que entre si trocam uns tristes literatos, todo o valor duma discussão de filosofia e de história. (...)

Antero de Quental.

Texto II

No circo
(A João de Deus)

Muito longe daqui, nem eu sei quando,
Nem onde era esse mundo, em que eu vivia...
Mas tão longe... que até dizer podia
Que enquanto lá andei, andei sonhando...

Porque era tudo ali aéreo e brando,
E lúcida a existência amanhecia...
E eu... leve como a luz... até que um dia
Um vento me tomou, e vim rolando...

Caí e achei-me, de repente, envolto
Em luta bestial, na arena fera,
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer nessa hora,
E achei-me de improviso feito fera...
— É assim que rujo entre leões agora!

Antero de Quental

Texto III

Trecho extraído do romance “O Primo Basílio”:

Luísa veio para o quarto quase sem se poder suster. Estava perdida! Estava perdida! Uma multidão de ideias, todas extremas e insensatas, redemoinhava no seu cérebro como um montão de folhas secas numa ventania: queria fugir, atirar-se ao rio, de noite; arrependia-se de não ter cedido ao Castro... De repente imaginou Jorge abrindo as cartas que Juliana lhe entregava, lendo: *Meu adorado Basílio!* Então uma cobardia imensa amoleceu-lhe a alma. Correu ao quarto de Juliana, ia suplicar-lhe que lhe perdoasse, que ficasse, que a martirizasse!... E Jorge depois? Diria que a Juliana chorara, se atirara de joelhos! Mentiria, cobri-lo-ia de beijos... Era nova, era bonita, era ardente – convencê-lo-ia!

Juliana não estava no quarto. Subiu á cozinha; estava lá, sentada, com os olhos chamejantes, os braços nervosamente cruzados, numa raiva muda. Apenas viu Luísa, deu um salto sobre os calcanhares, e mostrando-lhe o punho, berrou:

- Olhe que a primeira vez que você me torne a falar como hoje, vai aqui tudo raso nesta casa!

- Cale-se, sua infame! – gritou Luísa.

- Você manda-me calar, sua p...! – E Juliana disse a palavra.

Mas a Joana correu, atirou-lhe pelo queixo uma bofetada que a fez cair, com um gemido, sobre os joelhos.

- Mulher! – bradou Luísa arremessando-se sobre a Joana, agarrando-a pelos braços.

Juliana, assombrada, fugiu.

- Ó Joana! Ó mulher! Que desgraça, que escândalo! – exclamava Luísa com as mãos apertadas na cabeça.

- Racho-a! – dizia a rapariga com os dentes cerrados, os olhos como brasas – racho-a!

Luísa andava em volta da mesa da cozinha, automaticamente, pálida como a cal, repetindo, toda a tremer:

- O que você foi fazer, mulher! O que você foi fazer!

A Joana, ainda toda revolvida de sua cólera, com o rosto manchado de vermelho, remexia furiosamente as panelas.

- E se ela me diz uma palavra, acabo-a, aquela bêbeda! Acabo-a!

Luísa desceu ao quarto. No corredor saiu-lhe Juliana, com a cuia à banda, as dedadas escarlates na face, medonha.

- Ou aquela desavergonhada vai já pra rua – gritou ela – ou eu vou-me pôr lá embaixo na escada, e quando seu homem vier, mostro-lhe tudo!...

- Pois mostre, faça o que quiser! – disse Luísa, passando, sem a olhar.

Fora uma desesperação, um ódio que a tinham decidido. Mais valia acabar por uma vez!...

QUEIRÓS, Eça. *O primo Basílio*. Ed O Globo, 1997, p. 365 – 367.

Exercícios

1. (UFPR) Eça de Queirós afirmava

"O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade."

Para realizar essa proposta literária, quais os recursos utilizados no discurso realista? Selecione-os na relação abaixo e depois assinale a alternativa que os contém:

1. Preocupação revolucionária, atitude de crítica e de combate;
2. imaginação criadora;
3. personagens fruto da observação; tipos concretos e vivos;
4. linguagem natural, sem rebuscamentos;
5. preocupação com mensagem que revela concepção materialista do homem;
6. senso de mistério;
7. retorno ao passado;
8. determinismo biológico ou social.

- a) 1, 2, 3, 5, 7, 8.
- b) 1, 3, 4, 5, 8.
- c) 2, 3, 4, 6, 7.
- d) 3, 4, 5, 6, 8.
- e) 2, 3, 4, 5, 8.

2. (UNESP - 2012)

Uma campanha alegre, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma pela* que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País. Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de té- dio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas vota- ções mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroadado de rosas, e num chouto** tão triunfante!

(*) **Pela: bola.**

(**) **Chouto: trote miúdo.**

(Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.])

Considere as frases com relação ao que se afirma na crônica de Eça de Queirós:

- I. Os que estão no poder não querem sair e os que não estão querem entrar.
- II. Quando um partido ético está no poder, tudo fica melhor.
- III. Os governantes são bons e éticos, mas vivem a trocar acusações infundadas.
- IV. Os políticos que estão fora do poder julgam-se os melhores eticamente para governar.

As frases que representam a opinião do cronista estão contidas apenas em:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I e IV.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

3. (FIP – 2016) Hino à Razão

Antero de Quental

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros, sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.

Por ti, na arena trágica, as nações
buscam a liberdade entre clarões;
e os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!

Sobre a análise do texto, seguem as afirmativas:

- I. Há uma preocupação estética por parte do autor, que compõe o texto em forma de soneto, com versos decassílabos.
- II. O eu-lírico enaltece a razão, creditando a ela a manutenção da virtude e a força dos homens.
- III. O eu-lírico expressa seu descontentamento com as estruturas sociais.
- IV. A religiosidade presente no poema recupera o misticismo romântico.

Está correto apenas o que se afirma em:

- a) III e IV
- b) I, II e III
- c) II, III e IV
- d) II e IV
- e) I e II

4. (UNICID) Voz do Outono

Ouve tu, meu cansado coração,
O que te diz a voz da Natureza:
– “Mais te valera, nu e sem defesa,
Ter nascido em aspérrima soidão,
Ter gemido, ainda infante, sobre o chão
Frio e cruel da mais cruel devesa,
Do que embalar-te a Fada da Beleza,
Como embalou, no berço da Ilusão!
Mais valera à tua alma visionária
Silenciosa e triste ter passado
Por entre o mundo hostil e a turba vária,
(Sem ver uma só flor, das mil, que amaste)
Com ódio e raiva e dor... que ter sonhado
Os sonhos ideais que tu sonhaste!” –

(Antero de Quental. Antologia, 1991.)

No poema, a voz da Natureza diz ao coração do eu lírico que é

- a) possível conciliar a realidade cruel e os sonhos ideais para se tornar humanamente pleno. Isso está próximo das ideias do Romantismo, baseadas no subjetivismo.
- b) necessário ter uma vida de sonhos para conseguir superar os desafios da vida. Isso se harmoniza com as ideias do Realismo, baseadas no racionalismo.
- c) relevante buscar um mundo melhor para vencer a solidão, ainda que ele seja utópico. Isso se assemelha às ideias do Romantismo, baseadas no evasimismo.
- d) fundamental explorar o mundo real e o utópico para se descobrir o real sentido da vida. Isso se opõe às ideias do Realismo, baseadas na objetividade.
- e) importante vivenciar a verdade e não levar uma vida de sonhos e ilusões. Isso se opõe às ideias do Romantismo, baseadas na idealização.

5. (UERJ - 2015) O PRIMO BASÍLIO

la encontrar Basílio no Paraíso pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. – la, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? (...) Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta¹, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido² aos sonhos amorosos... Mas era num terceiro andar – quem sabe como seria dentro? (...)

E ao descer o Chiado³, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial – enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! (...) Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num cupê⁴ seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé duma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobre⁵ enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas⁶. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás duma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso duma criança.

(...)

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, dum branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente⁷ entreabertos...

Eça de Queirós

Obras de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão, s/d

1. quinta – pequena propriedade campestre
2. lânguido – sensual
3. Chiado – bairro de Lisboa
4. cupê – antiga carruagem fechada
5. salobre – salgado
6. nódoas – manchas
7. impudicamente – sem pudor

o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! (l. 7-8)

O texto 2 apresenta o contraste entre o cenário desejado pela personagem Luísa e aquele que verdadeiramente encontrou.

Transcreva duas frases da narrativa: uma que expresse o desejo da personagem e outra que indique a realidade encontrada.

Gabarito

1. B

Não são alternativas que qualificam o movimento realista: 2, 6 e 7. Imaginação criadora, mistério e retorno ao passado são traços estéticos relacionados ao Romantismo, não ao Realismo.

2. C

As ideias contidas na primeira e na quarta alternativa podem ser encontradas no quinto parágrafo do texto: “os que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar” e “os que não estão (...) movem-se, conspiram, cansam-se” na luta contra os primeiros. Nesse contexto, os que não estão no poder se consideram eticamente superiores: “Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião (...) os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do país”.

3. E

O poema, como o próprio título aponta, consiste em um enaltecimento à razão, sendo, inclusive, um traço comum à estética realista do poeta. Além disso, a estrutura formal configura um soneto, com 2 quartetos, 2 tercetos e versos decassílabos. Logo, as alternativas I e II estão corretas.

4. E

No poema, nota-se que o discurso da Natureza em relação ao eu lírico traz uma perspectiva de superioridade em relação a viver a verdade, o que se sobrepõe à vida repleta de idealizações e sonhos. Sendo possível, portanto, estabelecer uma relação entre o Realismo e o Romantismo, assumindo que é melhor, para a voz poética, se manter nas ideias do primeiro, do que nas idealizações românticas.

5. Gabarito UERJ: Uma das frases que expressa o **desejo**:

- Desejaria antes que fosse numa quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido aos sonhos amorosos...
- Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas.
- Desejava chegar num cupê seu, com rendas de centos de mil réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

Uma das frases que indica a **realidade** encontrada:

- A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena.
- Logo à entrada um cheiro mole e salobre enojou-a.
- A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas.
- No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado,

coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão.

- E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.
- Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, de um branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...